

# O CALENDÁRIO ESCOLAR E AS PRÁTICAS PIBIDIANAS: UMA ANÁLISE SOBRE A DISCUSSÃO DAS DATAS COMEMORATIVAS NO COTIDIANO DOS ANOS INICIAIS

Kauany Alves Mendes <sup>1</sup>  
Daniele Simões Borges <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sustentada pela experiência vivenciada através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto alfabetização da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O objetivo é analisar, na percepção das (os) pibidianas (o), como as datas comemorativas estruturam e organizam as práticas pedagógicas e as interações no cotidiano escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir das histórias de sala de aula registradas no âmbito do Pibid, refletindo sobre as tensões entre o cumprimento do calendário festivo e o desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas, de modo a não fragilizar o processo de alfabetização. Discute-se teoricamente temas como a organização pedagógica escolar, as festividades e datas comemorativas no cotidiano da escola. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa de abordagem documental tendo como escopo a análise das escritas reflexivas dos pibidianas(os) que são postadas mensalmente no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do subprojeto, especificamente, neste texto serão analisadas as histórias de outubro de 2025. No ambiente escolar, é comum encontrarmos práticas de uma "pedagogia do calendário" que por vezes são reforçadas por gestões que impõe tradições esvaziadas de datas que visam apenas o consumismo exacerbado, o que acaba por gerar uma sobrecarga docente. As narrativas revelam as tensões que existem entre o cumprimento desse calendário e a necessidade de respeitar as múltiplas culturas e crenças, respeitando as singularidades e evitando a reprodução de estereótipos. Os resultados revelam que a vivência pibidiana permite ressignificar essas datas, de que as mesmas não devem ser excluídas, mas devem ser abordadas com intencionalidade pedagógica, tornando-as oportunidades potentes para a aprendizagem, promovendo um ensino de alfabetização contextualizado e crítico. Conclui-se também que o PIBID qualifica a formação inicial, pois permite que os bolsistas aprendam a integrar as dimensões sociais com a rotina e prática pedagógica do cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Datas Comemorativas, Cotidiano Escolar, Organização do Trabalho Pedagógico, PIBID.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta uma reflexão baseada nas experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Alfabetização da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), edital 14/2024. A partir da

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista Capes/CNPq- no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, [kauanyalvesmendes09@gmail.com](mailto:kauanyalvesmendes09@gmail.com);

2 Professor orientador: Pedagogia, Doutora em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande-FURG, [daniele.uab@gmail.com](mailto:daniele.uab@gmail.com).



inserção no cotidiano escolar, foi possível observar como se estruturam as práticas pedagógicas nos anos iniciais, especialmente no que se refere à organização do tempo, da rotina e do currículo.

A organização do cotidiano e da rotina escolar é atravessada por uma série de festividades e tradições, baseados no calendário civil e religioso, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa organização, por vezes, passa a ditar o ritmo das atividades pedagógicas e, quando não possui intencionalidade e foco na aprendizagem, corre o risco de ser apenas uma reprodução estereotipada e marcada por práticas de consumo, tornando-se uma “pedagogia do calendário”, que acaba por causar uma fragmentação no processo de alfabetização.

Desse modo, a escolha deste tema justifica-se pela necessidade de compreender se a experiência do PIBID na formação inicial possibilita um olhar crítico sobre a comemoração das festividades escolares e como tornar as práticas pedagógicas significativas para as crianças. O objetivo central é analisar, na percepção das(os) pibidianas(os), como as datas comemorativas estruturam as interações no cotidiano escolar, investigando estratégias de ressignificação que garantam o respeito às singularidades culturais e religiosas sem fragilizar o ensino da leitura e da escrita, que valorize as crianças e suas singularidades.

O presente estudo ancora-se teoricamente na discussão sobre a organização do trabalho pedagógico e o papel das comemorações na escola, portanto, está organizado em 3 tópicos: a) Metodologia, com a explicação da base de conteúdos da pesquisa, b) As datas comemorativas na organização da rotina escolar nos anos iniciais e c) Reflexões sobre as festividades: tensões, desafios e ressignificados.

Os resultados desta pesquisa evidenciam a potência das experiências oportunizadas pelo PIBID em ressignificar a “pedagogia do calendário”, transformando as datas comemorativas em uma ferramenta potente de aprendizagem e valorização da diversidade presente na escola e comunidade, e que não torne a aprendizagem fragmentada, reconhecendo o planejamento como algo vivo no cotidiano e valorizando as crianças como sujeitos críticos e produtores de cultura.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa possui caráter qualitativo com abordagem documental pautada no escopo da análise de escritas reflexivas produzidas pelos(as) pibidianos(as) e postadas mensalmente no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do subprojeto Alfabetização do



Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

O recorte temporal da análise concentrou-se nas histórias de sala de aula escritas no mês de Outubro de 2025, mês que é marcado por datas comemorativas como o “dia das crianças” feriado de Nossa Senhora Aparecida (dia 12 de outubro), e o “halloween” (dia 31 de outubro), que embora não sendo uma data comemorativa de origem brasileira, é impulsionada e difundida em nossa cultura por influência comercial e pela globalização através das mídias e das redes sociais.

A produção dos dados buscou identificar nas escritas dos bolsistas como uma “pedagogia do calendário” com imposições de tradições e comemorações impacta a rotina dos docentes e o processo de alfabetização. Investigaram-se ainda possíveis estratégias e ressignificações mobilizadas nas escolas para garantir a intencionalidade pedagógica e o respeito às singularidades culturais e religiosas.

Desta forma, a partir da leitura atenta de 21 histórias de sala de aula, de bolsistas atuantes em três realidades escolares diferentes, que desenvolvem sua ação em turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, foram estruturados dois tópicos temáticos de análise: primeiro “As datas comemorativas na organização da rotina escolar” e na sequência “Reflexões sobre as festividades: tensões e ressignificados nas narrativas de Outubro”.

Os tópicos descritos, foram fundamentados teoricamente a partir dos seguintes autores: Goulart (2007), Nery (2007) que abordam sobre a organização do trabalho pedagógico; Duarte, Werneck e Cardoso (2013), com contribuições sobre a relação entre cultura e educação; Vieira e Ostetto (2018) e Santos (2022) com discussões sobre as datas comemorativas no Ensino Fundamental.

## **AS DATAS COMEMORATIVAS NA ORGANIZAÇÃO DA ROTINA ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS**

Sabemos que em cada escola iremos encontrar uma organização de rotina diferente, mas é comum identificarmos escolas onde as rotinas são marcadas por festividades e datas comemorativas. Essa organização nos anos iniciais do Ensino Fundamental não deve ser compreendida apenas como uma distribuição cronológica de datas, mas precisamos enxergar as datas comemorativas como componentes curriculares que educam e impactam a experiência infantil. Segundo a narrativa expressa pelos pibidianos: “No ambiente escolar, as datas comemorativas costumam movimentar a rotina e despertar o interesse das crianças. No



entanto, percebo que o papel do professor vai muito além de simplesmente seguir o calendário e propor atividades prontas. O desafio do professor é transformar essas datas em oportunidades reais de aprendizagem, conectando os temas com os conteúdos e com o cotidiano das crianças” (história de sala de aula 01).

Nesse sentido, a organização da rotina não pode ser engessada, sufocando a criatividade e a curiosidade das crianças, ela precisa ser flexível e intencional. Como orientam as diretrizes para a inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental, Brasil (2007, p.89) “A organização do trabalho pedagógico, então, deve ser pensada em função do que as crianças sabem, dos seus universos de conhecimentos, em relação aos conhecimentos e conteúdos que consideramos importantes que elas aprendam.”

Essa organização escolar, pautada nas datas e festividades, é popularmente conhecida como a "pedagogia do calendário", que ao invés de partir do universo de conhecimentos das crianças, acaba por impor as crianças temáticas como dia das mães, dia dos pais, Halloween, que nem sempre dialogam com a realidade daquela turma ou com as necessidades de cada criança. Essa prática acaba por fragmentar o ensino e substituir o tempo de investigação e apropriação dos conhecimentos necessários nessa etapa, como o sistema de escrita, por uma produção mecânica de atividades comemorativas descontextualizadas. E essas propostas descontextualizadas causam impactos significativos, pois quem não tem alguma recordação da infância na escola produz e pinta um colar de massa no dia do indígena, sem nenhuma explicação do objetivo dessa prática ou de uma contextualização cultural dela.

Portanto, a partir da análise das narrativas, compreendemos que a organização dessas festividades no trabalho pedagógico deve ser um ato de intencionalidade. Se uma data comemorativa entra na rotina, ela precisa ter um significado para as crianças e virar um objeto de estudo para ampliar os conhecimentos e o repertório cultural delas, e não apenas uma festividade que pausa o processo de aprendizagem naquela semana.

O desafio para os docentes está em encontrar o equilíbrio, conforme as narrativas dos bolsistas:

O que passo a acreditar é que as datas podem vir a ser grandes aliadas para os professores, pois assim que o tema da data é despertado por eles e trazido à sala, pode facilitar a aprendizagem para diversas áreas do conhecimento. Assim, o professor consegue mediar as aprendizagens de forma mais dinamizada com o assunto em questão, o famoso "hype". Também penso que podem vir a se tornar grandes adversários caso o professor não tenha uma sequência didática em torno da data, com o foco apenas na data e não na interdisciplinaridade do currículo (história de sala de aula 02).



Enquanto professores não precisamos exterminar as datas comemorativas da rotina e deixar de falar sobre essas datas com as crianças quando elas assistem nas mídias e trazem para a sala de aula, mas é saber utilizar desse interesse pela festividade como, por exemplo, o Halloween e utilizá-lo a favor na sala de aula, conhecer o que as crianças já sabem e o que não sabem e agregar a temática a outros conteúdos necessários e mobilizando novos conhecimentos. Essa transição entre o que é instituído e o que é vivido exige uma prática reflexiva constante. Utilizar uma data comemorativa para agregar "conteúdos necessários" pode acontecer, e este processo é uma das marcas de que o planejamento é flexível o suficiente para ser permeável à realidade, sem perder de vista os objetivos de aprendizagem do ciclo. Nessa perspectiva, o professor não é um mero executor de tarefas festivas, mas um mediador que "lê" o mundo junto com o aluno. Assim o professor valida o saber social e o eleva ao patamar do saber acadêmico, garantindo que o tempo escolar não seja um tempo apartado da vida, mas uma extensão qualificada dela.

A partir disso, na análise das narrativas, observamos que algumas escolas também justificam a "pedagogia do calendário" pela cobrança das famílias, segundo os pibidianos: "Há uma expectativa constante de produzir lembrancinhas, organizar apresentações, preparar painéis, enviar materiais específicos ou participar de eventos, o que aumenta a pressão sobre todos os envolvidos" (história de sala de aula 03).

Sabemos que nessas datas são comuns as famílias cobrarem da escola lembrancinhas e apresentações, por isso, a necessidade da intencionalidade pedagógica de toda equipe escolar e nessa equipe escolar a comunidade deve estar incluída. Diante disso, é preciso demarcar que o papel do professor não é o de produzir objetos de consumo ou entretenimento, mas o de mediar o encontro das crianças com o conhecimento.

A "cultura do apetrecho", essa necessidade de materializar toda data comemorativa em um item decorativo, muitas vezes esvazia o trabalho profissional, deslocando a energia do planejamento pedagógico para uma produção fabril que nada acrescenta ao desenvolvimento cognitivo ou social da criança e acaba por silenciar e negligenciar o que cada família tem de mais valioso, sua singularidade e bagagem cultural, vivências familiares que enriquecem o currículo e constituem a identidade de cada criança.

Um outro aspecto, muitas vezes negligenciado, é a participação dos pais/comunidade no planejamento escolar. Não se pode esquecer que são suas histórias, suas profissões, seus modos de entender e agir no mundo que constituem a identidade das crianças, nossos estudantes na escola. (Brasil, 2007, p.111)



As famílias precisam participar da construção dessa organização pedagógica, levando em consideração que por trás de cada criança temos famílias, histórias de vida, crenças e modos de agir que constituem a identidade de cada criança. Incluir a comunidade na equipe escolar, como expresse acima, significa também educar as famílias sobre o que é o processo de aprendizagem. A intencionalidade pedagógica deve ser comunicada com clareza: a melhor "lembrança" que um aluno pode levar de uma data significativa é a compreensão crítica sobre o mundo em que vive, e não um objeto efêmero que logo será descartado. Em outras palavras, ao planejar uma festividade, a escola precisa se questionar se aquela comemoração faz sentido para aquele contexto de crianças e famílias e se não está apenas impondo ou reproduzindo uma cultura padrão e ignorando as vivências locais.

Não cabe a escola apenas planejar as festividades ou excluí-las sem considerar as famílias, mas incluir as mesmas na organização e explicar a intenção das datas, como por exemplo o “dia da família” ou “dia de quem cuida de mim” que normalmente é utilizado para substituir o dia das mães e dos pais, e as famílias nem sabem a função dessa festividade, que as vezes chegam na escola já esperando as apresentações e esquecendo que nem todas as crianças possuem o mesmo núcleo familiar, algumas são criadas por avós, tios, dindos e entre outros. Segundo Viera e Ostetto (2018, p. 9):

...é preciso ter em vista que a escola é um lugar de acolhida e reconhecimento do indivíduo, o que nos leva a questionar como os alunos que possuem outros modelos familiares seriam contemplados com datas que se restringem à homenagem apenas aos pais e mães, e não suas figuras cuidadoras.

Ressignificar as datas comemorativas também significa abrir espaço para a comunidade, transformando essas festividades para além de eventos meramente comerciais, reprodutores ou performáticos, mas que sejam práticas reflexivas e representativas de cada criança e organização familiar.

A organização do currículo, precisa valorizar a identidade das crianças e a diversidade, pois quando este, se resume apenas a execução de tarefas e aparece com as datas “soltas” em único dia ou mês do ano, corremos o risco de silenciar as crianças.

A criança não quer que lhe falem do mundo, ela prefere estar no mundo; é como falar das borboletas olhando para uma foto e ver uma borboleta no jardim da escola. A diferença está na experiência de interação, de sentir, ver, pensar, tocar, expor sentimentos, abrindo espaço para as incertezas advindas da curiosidade. (Santos, 2022, s.p.)

Desta forma, é necessário compreender que a infância acontece no imprevisível, nas curiosidades presentes no cotidiano, portanto, o planejamento precisa ser flexível, significativo e que valide as identidades infantis.



## REFLEXÕES SOBRE AS FESTIVIDADES: TENSÕES, DESAFIOS E RESSIGNIFICADOS NAS NARRATIVAS DE OUTUBRO

As narrativas revelam que as datas como Halloween e Dia das Crianças chegam na escola e na sala de aula carregadas de expectativas externas. Com a mídia exercendo grande influência sobre as datas, a maioria das festividades se reduz ao consumo, que acaba sendo refletido nas práticas escolares, onde comemoram as datas apenas por tradição ou pressão comercial.

No entanto, através das histórias de sala de aula dos bolsistas é possível perceber um olhar que rompe com os estereótipos: “O planejamento integrado pode conectar essas datas aos conteúdos curriculares e à realidade dos alunos, permitindo discussões sobre direitos, diversidade, brincadeiras e questões sociais. Atividades como a análise cultural do Halloween evitam a padronização e enriquecem a aprendizagem” (história de sala de aula 04)

No Halloween por exemplo, em vez de reforçar o consumo de doces ou brinquedos, as práticas podem ser ressignificadas através de histórias, estudo sobre a cultura, origem dessa festividades, com intencionalidade e sempre levando em consideração que: “Nenhuma delas pode ser promovida apenas por modismo, tradição, interesse econômico, imposição da mídia ou qualquer outra razão menor que não seja o próprio valor educacional.” (Duarte, Werneck e Cardoso, 2013, p. 207). O professor precisa ser um mediador crítico, que utiliza dos interesses das crianças desertados pela data, para mobilizar os conteúdos curriculares.

Outro ponto muito importante encontrado nas escritas foi as críticas ao ensino fragmentado. Citado até em uma das narrativas: “Ser mediadora é, justamente, transformar essas datas em algo que ultrapasse a superfície, fugindo dos “trabalhinhos bonitinhos” que ocupam as paredes, mas não necessariamente atravessam o pensamento infantil” (história de sala de aula 05). Enquanto docentes, não podemos cair na armadilha de limitar as datas a “trabalhinhos e festinhas” isolados e que pausam o processo de alfabetização.

As narrativas também mencionam sobre a importância de trabalhar temas como a Consciência Negra e a diversidade cultural ao longo do ano e não apenas em datas específicas, mas como parte do planejamento contínuo, evitando assim a reprodução de estereótipos “...por exemplo, trabalhar na semana de 20 de Novembro não pode se reduzir a confeccionar bonecas de cabelo crespo, assim como participar de um desfile no 20 de setembro não significa que houve estudo sobre cultura gaúcha ou reflexão histórica, demonstrando que marcar presença no calendário não é o mesmo que promover aprendizagens significativas.”



Dessa forma, o papel do professor como mediador é tensionar sentidos, problematizar representações e promover debates sobre diversidade cultural, para que as crianças compreendam o que estão fazendo e não sejam apenas reprodutoras de uma sociedade que gira em torno do capital.

Essas percepções deixam clara a ideia de que a cultura deve estar integrada aos conteúdos escolares, como afirmam Duarte, Werneck e Cardoso (2013, p.205): “A educação e a cultura são processos complementares embora, muitas vezes, apresentem-se como contrários e até mesmo como contraditórios”.

As tensões religiosas e socioeconômicas também aparecem como desafios nas narrativas: “Sabemos que muitas datas comemorativas são religiosas e que nem todos alunos pertencem a mesma religião, e que por isso não é fácil trabalhar nessas datas, pois alguns alunos não participam, então entendemos não ser inclusiva, por que não são todos que participam, e também não é diverso, mas cabe a nós professores proporcionar dentro de todas essas dificuldades fazer uma prática que possa contemplar o maior número de alunos” (história de sala de aula 06)

Essa dificuldade de trabalhar as datas que não podem ser celebradas por todos os alunos por questões de crenças exige dos docentes uma postura ética e inclusiva. É fundamental compreender que a escola é um espaço laico, o que pressupõe a neutralidade religiosa e a garantia de que nenhum dogma se sobreponha ao direito à educação de todos pois a escola deve ser um lugar onde as múltiplas culturas e famílias são respeitadas, reconhecidas e valorizadas.

A partir da análise da seguinte narrativa: “As crianças puderam brincar livremente, explorar o ambiente, fazer perguntas e se encantar com o que viam. Mais do que uma pausa na rotina escolar, esse dia foi uma oportunidade de olhar o mundo com outros olhos” (história de sala de aula 07) Foi possível compreender que uma saída de campo em meio à natureza como uma vivência para celebrar o Dia das Crianças foi uma experiência significativa tanto para as crianças quanto para os professores. Ou seja, a data comemorativa, longe de ser um evento meramente protocolar, pode atuar como um catalisador para rupturas necessárias no cotidiano escolar, permitindo que a rigidez da rotina dê lugar ao inesperado, à exploração genuína e a novas formas de habitar o espaço-tempo da infância.

Nas histórias de sala de aula dos pibidianos, também há reflexões sobre a sobrecarga docente, os professores por vezes acabam ficando sobrecarregados pelas cobranças da escola de inserir as datas comemorativas em seus planejamentos e dos familiares de verem o que está



sendo produzido com a turma, assim, conseqüentemente acabam por fragmentar o currículo, e apenas reproduzir práticas sem considerar as crianças, como afirma Santos (2022, s.p):

Esses padrões são muitas vezes descontextualizados e fragmentados, esquecendo que o natural da criança é o movimento e a curiosidade sobre o mundo. A expectativa de produzir algo e a necessidade imposta aos professores de mostrar o que está sendo feito na escola para atender ao esperado pelos pais podem tornar o evento sem sentido para os alunos que o executam

A partir das escritas dos bolsistas, é possível perceber que as vivências com o PIBID oportunizaram aos pibidianos reflexões acerca de que as datas comemorativas não devem ser exterminadas, mas sim utilizadas de outras maneiras na sala de aula, para incentivar e motivar as crianças, onde eles possam participar ativamente, valorizando e reconhecendo os mesmos como produtores de cultura, onde possam trazer suas experiências e ideias. Com essas experiências foi possível entender que a ressignificação das datas, algo que vemos ao longo do curso de graduação, é possível ser uma ferramenta potente de aprendizado e valorização da diversidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das escritas reflexivas dos bolsistas do PIBID, subprojeto alfabetização, permitiu compreender que o cotidiano dos anos iniciais por vezes pode ser marcado por uma “pedagogia do calendário” que acaba por engessar as atividades, impondo as festividades em detrimento do processo de alfabetização. Observamos que a escola é permeada por expectativas externas, como cobranças da família e influências da mídia, e acaba reproduzindo, em algumas vezes, de forma mecânica a celebração das datas comemorativas sem a devida reflexão.

Contudo, a experiência que o programa oportuniza aos bolsistas é de que é possível romper com as práticas estereotipadas e os “trabalhinhos” desde que haja intencionalidade pedagógica tanto do docente quanto da equipe escolar na organização pedagógica, transformando as datas, quando inseridas no calendário escolar, em objetos de estudo. Os dados indicam que as datas comemorativas são oportunidades potentes para o ensino da alfabetização, quando trabalhadas de maneira contextualizada e crítica, sem deixar de lado os objetivos pedagógicos.

Ficou evidente também que essa organização deve contar com a colaboração de toda a comunidade escolar, valorizando todas as organizações familiares e com explicações claras dos objetivos pedagógicos, para superar a demanda das famílias por apresentações e lembrancinhas, o que chamamos da pedagogia dos adereços.



Por fim, compreendemos que o PIBID desempenha um papel fundamental na formação inicial e continuada docente, favorecendo o olhar crítico dos mesmos nas práticas de sala de aula, pois permite que os bolsistas não apenas observem como as datas são comemoradas nas escolas, mas que a partir da reflexão, encontrem alternativas que garantam o ensino contextualizado, ressignificando as datas sem excluí-las, mas utilizando elas como potentes ferramentas de aprendizagem. Garantir um planejamento flexível e pulsante é um ato ético e de respeito com as infâncias, assim como os conhecimentos das crianças não cabem em uma folha A4, as curiosidades e descobertas se apresentam nas vivências e na imprevisibilidade do cotidiano, não estão na reprodução de tradições esvaziadas e sem sentido.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Cleia Zanatta Clavery Guarnido; WERNECK, Vera Rudge; CARDOSO, José Augusto Renato. **A relação entre cultura e educação sob o ponto de vista de educadores do ensino fundamental.** Psicologia e Saber Social, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 204-216, 2013.

GOULART, Cecília. **A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores.** In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 85-96.

NERY, Alfredina. **Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade.** In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 109-135.

SANTOS, Mayron Engel Rosa. **As datas comemorativas e as expressões artísticas no ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Área de Concentração: Fundamentos Educacionais e Formação de Professores. Linha de Pesquisa: Fundamentos e Práticas Educacionais. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2022.

VIEIRA, Alessandra Grunow; OSTETTO, Lucy Cristina. **“Acabem com tormento das festas de dia das mães da escola, aproveitem e cancelem o dia dos pais também”: o olhar das professoras sobre as datas comemorativas no Ensino Fundamental.** Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2018.

